

# Hibernação enquanto crisálida

*Phalera bucephala* (Linnaeus, 1758)

Autor: Jorge Pereira Gomes



Ao ver uma *Phalera bucephala* a descansar, não resisto a pensar em como ela sabe fingir ser um pequeno pau partido que ali foi parar por motivo indeterminado.

Uma evolução antiga, demorada, caprichosa e cheia de talento, moldou o inseto numa morfologia mimética, já que, como diz a canção de Vinícius de Moraes, são demasiados os perigos desta vida.

Mesmo sem procurar, todos os anos costumo ver a espécie em estado adulto. Apesar de tal ser frequente, não me canso de a admirar. Não é certo que reapareça sempre...

Nos idos de 2005, conforme anotei em 31 de agosto desse ano, ainda não conhecia a lagarta desta espécie. Mas nessa data, na berma de um caminho recorrente, vi uma dúzia de larvas bem desenvolvidas num salgueiro-negro. Hoje sei que são gregárias, deixando apenas esse padrão de comportamento quando esgotam a fase de lagarta e procuram um local adequado para se transformarem em crisálidas.

Passados cinco dias da data antes referida, retirei três ou quatro exemplares para um terrário improvisado, com meio palmo de terra fofa, deixando ainda folhas frescas desse arbusto como alimento. Tapei a saída do terrário com rede de mosquiteiro. Como sabem, se calhar melhor que eu, as lagartas andam devagar devagarinho mas, quando se trata de fugir, são ligeirinhas quanto baste!

No dia seguinte, vi que todas elas tinham desaparecido, supondo que pelas melhores razões: deduzi que deveriam ter-se enterrado para crisalidar. Mas... teria mesmo sido assim?

Retive a curiosidade até 27 de outubro. Não queria correr o risco, errado ou certo, de perturbar as transformações iniciais. Nessa altura procurei na terra solta do pequeno terrário as crisálidas e... lá estavam elas! Eram agora cilindros acastanhados, imóveis, mas lá por dentro decerto em prodigiosa metamorfose.

Observadas e fotografadas as crisálidas, lá voltei a repor tudo tão próximo quanto possível da situação anterior. Assim ficou, até que, em 3 de maio, começaram a eclodir estas lindas borboletas.

Neste caso, o arrefecimento próprio do outono e do inverno de 2005/2006 fez com que estas borboletas noturnas hibernassem na fase de crisálida. Provavelmente, com temperaturas mais elevadas, num ano poderão existir duas gerações, com a eclosão das borboletas em maio e setembro.

Com efeito, mediante experiências prévias, difíceis de esquecer, esta espécie tornou-se-me mais familiar.

Legenda: As primeiras quatro fotos são da autoria de Jorge Pereira Gomes e a quinta (ovos) de Henrique N. Alves.

